

Renata Menasche

Engenheira Agrônoma pela ESALQ,
Mestre em Desenvolvimento
Agricultura e Sociedade pelo CPDA/
UFRRJ. Atuação junto a ONGs do
Rio Grande do Sul

Régis da Cunha Belém

Engenheiro Agrônomo pela ESALQ,
Mestrando do CPDA/UFRRJ.

Gênero e Agricultura Familiar: Trabalho e Vida na Produção de Leite do Sul do Brasil¹

I – Apresentação

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns resultados e reflexões a partir da pesquisa “Relações sociais de gênero na agricultura familiar – mulheres na produção de leite”, realizada em 1995 pelo Deser – Departamento Sindical de Estudos Rurais e Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais da cut do Paraná.

Essa pesquisa foi realizada nas regiões Sudoeste e Centro do Paraná, em sete municípios. Foram 169 pessoas – mulheres, homens, moças e rapazes –, membros de 69 famílias de agricultores familiares, que responderam aos formulários para coleta de dados.

Após a sistematização prelimi-

nar dos dados, estes foram apresentados e discutidos em dois seminários regionais e sete municípios, dos quais participaram organizações e entidades locais e regionais; lideranças e técnicos de movimentos sociais, de ongs e de órgãos públicos; entrevistadores e agricultores entrevistados, totalizando 217 pessoas (129 mulheres e 88 homens) envolvidas no debate realizado nos seminários.

A partir da perspectiva de gênero e do entendimento de que na agricultura familiar ocorre um imbricamento entre as dimensões da produção e da reprodução, o objeto em foco era a rotina de trabalho e vida dos diferentes membros da família na produção de leite.

A opção pelo produto leite foi movida por uma dupla constatação: 1) diferente do que ocorre em outras regiões do país, entre os agricultores familiares descendentes de imigrantes europeus do Sul do país, leite “é coisa de mulher”, isto é, nessa produção de leite as agricultoras claramente não ocupam o papel coadjuvante que comumente lhes é atribuído no trabalho agrícola; 2) esse produto tem presença generalizada nessa agricultura familiar, que responde por mais que 70% da produção de leite da região Sul.

“... A maioria é as mulheres, do pessoal que veio do Sul, é as mulheres que lidam com vaca... agora do Norte, o pessoal que vem de lá prá cá, é os homens que lida com as vacas...”²

¹ Este trabalho foi desenvolvido a partir da publicação do DESER e CEMTR/PR, *Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite*, elaborada por João Carlos Sampaio Torres e Renata Menasche. Essa publicação pode ser solicitada ao DESER através do fone (041) 262-1842.

² Depoimento Z.S., 54 anos, agricultora do município de Medianeira – no Seminário promovido pela CEMTR/PR, “Relações de gênero na agricultura familiar”, 17 a 19 de junho de 1994, Francisco Beltrão.

A perspectiva de análise que orientou o trabalho, o conceito gênero, traz como pressupostos: 1) o ser homem e o ser mulher correspondem a papéis sociais construídos historicamente, e não determinados pela natureza; 2) os papéis sociais masculino e feminino não existem isolados, gênero é um conceito relacional; 3) na sociedade atual as relações entre homens e mulheres não são de igualdade, são relações de hierarquia e de poder dos homens sobre as mulheres.

II – Trabalho Produtivo e Reprodutivo

“... Uma coisa importante da gente pensar na produção do leite é a questão alimentar, que envolve todo o trabalho da mulher... é o docinho de leite... coalhada, schmier... esses tipos de coisa de alimentação, o queijo... aquilo que representa dentro da família, mesmo que você não venda... minha mãe nunca vendia leite, mas toda a vida

tinha, por exemplo, duas, três famílias que pegavam leite lá em casa... que não pagavam, nunca pagaram nada...”³

Os entrevistados foram indagados a respeito das principais ocupações de cada um dos membros da família – mulheres, homens, moças e rapazes. Dessa forma, obtivemos um levantamento dos principais tipos de atividades desenvolvidas, como mostra o Quadro 1, a seguir.

De acordo com as respostas dadas pelas mulheres, há um equilíbrio entre a dedicação às atividades voltadas à reprodução da família (arrumar e limpar a casa, lavar e passar roupa, cozinhar, lavar louça, cuidar das crianças etc) e as atividades relacionadas à produção: enquanto a casa foi apontada como principal ocupação por pouco mais que 50% das mulheres entrevistadas, 47% delas apontaram a lavoura (30%) ou as criações (17%) como principal ocupação. Quando indagadas sobre sua segunda principal ocupação⁴, expressou-se a mesma lógica, eviden-

ciando-se aí, porém, a importância do trabalho das mulheres na criação de animais, apontada como segunda atividade mais importante por 50% das entrevistadas (26% apontaram a casa e 23% destacaram a lavoura).

Entre os homens, há uma forte recorrência nas respostas: 79% disseram que a lavoura se constitui em sua principal atividade. A mesma porcentagem apontou “criações” como sendo a segunda ocupação masculina.

Observando as respostas das moças e rapazes no que diz respeito às ocupações principais, cabe destacar dois elementos, relevantes para a análise das relações de gênero: 1) é possível notar dois padrões de comportamento, um característico de mulheres e filhas, outro característico de homens e filhos; 2) a atividade estudo ocupa posição diferenciada para moças e rapazes.

Para 36% das moças entrevistadas, a principal ocupação relaciona-se às atividades da casa; para 27%, é o estudo; e para 22%, é a lavoura. Como segunda ocupação, aparece a casa em 41% das respostas, ficando as criações com 28% e o estudo com 19%.

Dentre os filhos, 44% apontaram a lavoura como atividade principal, enquanto que outros 44% apontaram o estudo. Como segun-

Quadro 1: Principais Ocupações dos Membros da Família (%)

ENTREVISTADO	Lavoura	Criações	Casa	Estudo	Nº Total
mulheres	30	17	52	0	69
moças	22	9	36	27	55
homens	79	19	1	0	68
rapazes	44	8	3	44	79

Fonte: pesquisa de campo/95

³ Depoimento de C..P., 35 anos, agricultora do município de Francisco Beltrão, Sudoeste do Paraná, no Seminário já mencionado.

⁴ Não constam do Quadro 1 as atividades apontadas pelos entrevistados como “segunda atividade principal”.

da ocupação principal, os filhos dedicam-se mais às criações (47%) e à lavoura (27%).

A diferença entre moças e rapazes no que diz respeito à importância do estudo entre suas atividades pode ser explicada, dentre outros elementos, pelo fato de que muitas vezes a atividade escolar só pode ser realizada à noite, ao mesmo tempo em que exige deslocamento da propriedade para outras regiões do município, muitas vezes à pé. É comum, então, nesses casos, só ser permitido à moça estudar quando tem a possibilidade de ir acompanhada por um irmão, de forma a não se deslocar sozinha à noite.

Além disso, por responder pelo trabalho doméstico, tendo às vezes maiores responsabilidades com relação a essas tarefas que a própria mãe, nesses casos dedicando-se prioritariamente às atividades relacionadas à produção, a moça tem menos tempo disponível para o estudo que seus irmãos homens.

Esses fatores, porém, não se explicam por si, sendo conseqüências da valorização diferenciada que a sociedade e os pais atribuem à educação de rapazes e moças: segundo o senso comum, as moças não teriam tanta necessida-

de de aprofundar os estudos, já que seu “destino” estaria reservado às tarefas consideradas domésticas, enquanto que aos rapazes caberia uma melhor preparação, de forma a se capacitarem para melhor conduzir os “negócios” da propriedade, ou para tentar nova vida na cidade.

Os dados apresentados, confirmados pelas descrições dos cotidianos de cada um dos membros da família, indicam de fato a pouca participação dos homens (pais e filhos) nas tarefas relacionadas à reprodução do núcleo familiar. Ao mesmo tempo, porém, a significativa participação das mulheres (mães e filhas) nas atividades relacionadas à produção desmente a visão estereotipada que as apresenta como “ajudantes” no trabalho das lavouras e criações.

III – O Trabalho na Produção de Leite

Além da dinâmica geral de atividades do núcleo familiar, buscou-se também refletir sobre como se desenvolvem as relações de gênero especificamente na produção de leite. Para tanto, o formulário indicava um conjunto de atividades

(10 cotidianas e 14 não cotidianas)⁵, solicitando a cada um dos entrevistados sua opinião a respeito de quem executa, quem ajuda e quem decide sobre as atividades relacionadas à produção leiteira.

De um modo geral, pode-se perceber claramente uma divisão sexual de trabalho na execução e planejamento das atividades que ao longo do ano envolvem a produção de leite numa unidade agrícola familiar. De acordo com as indicações da pesquisa de campo, são os homens que realizam e decidem a respeito da grande maioria das tarefas aqui consideradas como não cotidianas. Entretanto, as tarefas cotidianas e permanentes, que devem ser realizadas no dia-a-dia do trabalho, são realizadas predominantemente pelas mulheres.

“O primeiro passo para tirar o leite é a preparação dos utensílios, o balde, os canecos, as jarras. Isto é feito dentro da própria casa. Vai para a estrebaria e prepara os alimentos, que pode ser a mandioca, o pasto verde... Coloca-se num cocho. Se tem terneiros que mamam, tem que levar os terneiros para a estrebaria, chamar as vacas, colocá-las prá dentro, aí amarra os pés, a cabeça... põe o terneiro a mamar. Primeiro você limpa, faz a higiene dos tetos, depois põe o terneiro prá mamar, de-

• • • • •

⁵ As tarefas cotidianas apontadas no formulário foram: cortar e transportar pasto até a estrebaria; triturar alimentos; trazer e levar animais; manejar os bezerros; fazer a higiene e a ordenha das vacas; coar leite, lavar e guardar os utensílios; transportar, armazenar e resfriar o leite; limpar a estrebaria e manejar a cerca elétrica. As atividades não cotidianas indicadas foram: consertar a cerca (elétrica ou não); roçar o pasto; implantar e manter as pastagens permanentes; consertar a estrebaria; comprar medicamentos; aplicar remédios e vacinas; fazer silagem; comprar utensílios; comprar equipamentos; levar a vaca no touro; fazer inseminação artificial; dar assistência ao parto; vender animais e comprar animais.

fa relacionada à produção leiteira cada um dos membros da família, separadamente, apresentou sua visão sobre a distribuição do trabalho, é possível tecer algumas considerações:

- há uma forte tendência das mulheres em identificar a si próprias como sendo as principais ajudantes nas tarefas executadas predominantemente pelos homens. Por outro lado, os homens tendem a reconhecer que na maioria dessas atividades são os rapazes os principais ajudantes;
- para várias das famílias entrevistadas, o momento de responder a essas questões foi um momento de se dar conta, mostrando inclusive certa surpresa, de que as crianças realizam uma série de atividades, o que parece não ser usualmente notado;
- de um modo geral, através das respostas dadas pelas famílias entrevistadas, nota-se que, atualmente, as mulheres conquistaram importantes espaços nas decisões familiares; mesmo os homens reconhecem que muitos assuntos já não são mais decididos exclusivamente por eles; hoje uma parcela, embora pequena, já começa a sentir a necessidade de ouvir, conversar

e tomar determinadas decisões em conjunto com a mulher e os filhos;

- é interessante observar que os homens reconhecem menos o trabalho desenvolvido pelas moças que o realizado pelos rapazes (eles parecem não notar o que as filhas realizam);
- deve-se ressaltar, ainda, que cada integrante da família tende a enfatizar particularmente a sua inserção específica, atribuindo a si próprio um destaque especial; esse comportamento é particularmente acentuado entre os rapazes, que são, claramente, os que mais se autovalorizam.

IV – Mulheres e Homens na Relação com os Agentes Externos à Propriedade

Já foi visto que são as mulheres que, na maior parte das vezes, tiram o leite. Mas será que seu protagonismo se estende à relação com os agentes externos à propriedade?

No que diz respeito à comercialização de leite e queijo, os dados coletados mostram que, apesar de seu papel fundamental no processo de produção, as mulhe-

res não detêm o controle sobre as diversas esferas desse processo. A nota da comercialização do leite⁸ é emitida, para a grande maioria das famílias entrevistadas (75%), exclusivamente em nome dos homens. Dessa forma, por mais que a produção seja realizada preponderantemente pela mulher, o produtor reconhecido pelos compradores tem sido, na maior parte dos casos, o marido: aquele que “representa” a unidade familiar de produção.

Tentando perceber como outros agentes se relacionam com as (os) agricultoras(es) produtoras (es) de leite, indagamos a respeito da relação com os profissionais que prestam assistência técnica à produção leiteira na unidade familiar⁹.

Observa-se que o técnico (na grande maioria dos casos, homem, mas a observação também é válida para os casos em que a pessoa que realiza a assistência técnica é do sexo feminino) procura, em geral, conversar com o homem e não com a mulher. Apenas 6% das mulheres entrevistadas responderam que o técnico se dirige a elas para prestar os serviços de assistência técnica, enquanto que em 91% dos casos analisados o técnico procura pelos maridos.

⁸ Quando o leite é vendido para cooperativa ou laticínio, o pagamento pelo produto é feito mensalmente. Cada produtor tem sua produção e descontos registrados na “Nota do Leite”, emitida pela empresa. Ao valor líquido constante na “Nota do Leite” corresponderá um cheque da empresa nominal ao produtor, correspondente ao pagamento pelo leite entregue no mês anterior.

⁹ Pouco menos da metade das famílias entrevistadas (48%) informaram que recebem regularmente assistência técnica. Destes, a metade recebe orientações de técnicos ligados às associações de agricultores, 18% da emater, 18% da assesoar – ong que atua no Sudoeste paranaense –, 15% de cooperativas, 12% de empresas particulares e 8% de laticínios.

No que diz respeito às palestras e aos dias de campo, os homens participam com maior intensidade que as mulheres: respectivamente, 58% e 48% dos homens, contra 36% e 12% das mulheres das famílias entrevistadas participaram desses tipos de atividades.

Fica claro, a partir dos diferentes aspectos abordados, que, para os agentes externos à propriedade que se relacionam com a família produtora, nos aspectos referentes ao leite, quem representa essa produção é o homem.

V – O Lugar da Produção de Leite na Agricultura Familiar

“... O meu pai, cada uma das meninas que se casava... ganhava uma novilha... era uma tradição de ganhar...”¹⁰

Para os agricultores familiares descendentes de imigrantes europeus do Sul do país, o leite tem sido, historicamente, considerado “coisa de mulher”: a vaca faz parte do dote da filha que se casa, e até há pouco tempo os meninos sequer aprendiam a tirar leite.

O lidar com leite é saber passado de mãe para filha, o que pode

ser entendido pelo papel ocupado pelo leite no consumo da família agricultora. Cozinhar, alimentar, limpar, lavar, passar, costurar, curar, gerar, criar e educar são verbos conjugados no feminino também no meio rural.

A mercantilização dessa atividade – resultante da constituição ou expansão de agroindústrias de laticínios – não se tem dado sem conflitos.

“...A gente ampliava a criação de gado, de vacas, prá produzir leite prá vender, antes só era leite prá tomar, a gente tomava muito leite, essa era uma coisa que nunca faltava lá em casa, a gente sempre tinha leite a vontade prá tomar, depois, com isso, a gente começou a vender o leite. Ao redor, não a minha família, mas muita gente parou de tomar leite, não totalmente, mas tomava menos leite, prá poder vender. A própria propaganda que dizia isso, que o melhor negócio era vender o leite em vez de tomar. O pessoal começava a tomar café, deixava de tomar leite, deixava de dar o leite prá crianças... porque dava um dinheirinho... porque antes se produzia tudo e só se comia aquilo que tu produzia, depois não, a gente tinha que começar a comprar essas coisinhas de mercado...”¹¹

“Eu sei que era muita fofoca, o pessoal achava que era uma injustiça vender leite... aí o pessoal vendia o leite e não dava prá crianças... começaram a recolher leite de meio litro, tinha meio litro de leite... parava a Toyota e carregava meio litro de leite... naquele tempo... meio litro era anotado no cartão, dez e meio, oito e meio, seis e meio... meio litro contava.”¹²

A passagem para uma produção também mercantil desse produto, voltado até então estritamente para o auto-consumo, aparece nos dois depoimentos acima marcada por reações negativas entre os agricultores quanto à legitimidade dessa mercantilização. O ponto de tensão está na relação entre “negócio” e família, produção e reprodução.

Os fatores geradores dessa tensão têm se aprofundado nos últimos anos, a partir do processo de reestruturação do setor lácteo brasileiro, em curso a partir do fim da intervenção governamental no estabelecimento de preços do leite ao produtor e ao consumidor, do advento do mercosul e da expansão da Parmalat.

Como decorrência desse processo, pode-se observar – nas regiões onde predomina a agricultura familiar como base do fornecimen-

¹⁰ Depoimento de C. P., 35 anos, agricultora do município de Francisco Beltrão, no Seminário já mencionado.

¹¹ Depoimento de G.H., 35 anos, agricultora do município de Santo Cristo, Noroeste do Rio Grande do Sul. Trecho de entrevista realizada em fevereiro de 1994, por ocasião da coleta de dados para a pesquisa Agricultura familiar em mudança: percepções e projetos – o caso da região de Santa Rosa, Noroeste do Rio Grande do Sul (MENASCHE, 1996).

¹² Depoimento de I.Z., 46 anos, agricultor do município de Santo Cristo. Trecho de entrevista realizada na pesquisa de campo já mencionada.

to da matéria-prima leite para as indústrias de laticínios – uma forte pressão para a modernização da produção e adoção de inovações tecnológicas. Essa pressão tem agido no sentido do crescimento da importância mercantil do produto leite entre esses agricultores familiares.

A participação dos homens no trabalho e principalmente no controle da atividade leiteira parece crescer de forma proporcional à importância que adquire essa atividade na composição da renda monetária da propriedade.

“... Quando é prá comercialização os homens se interessam, quando dá dinheiro, agora se é só pro gasto...”¹³

“... Se é mais prá vender, aí os homens se preocupam mais, o pasto também... se preocupam com uma série de coisas, com o pasto, com a melhoria do rebanho, das vacas, tudo assim...”¹⁴

A mercantilização da produção de leite altera também a divisão de trabalho entre homens e mulheres na produção de leite.

Essa mudança pode ser compreendida a partir das imagens construídas dos papéis sociais de homens e mulheres: seriam “próprias” do homem as atividades (e

decisões) referentes ao espaço público, no caso tudo o que está relacionado ao exterior da propriedade – mercado e relação com dinheiro, relação com assistência técnica e capacitação profissional, formas de associação e representação, responsabilidade jurídica pela propriedade da terra... Da mesma forma, seriam consideradas como “próprias” da mulher as atividades referentes ao espaço privado, que envolvem toda a gama de responsabilidades relacionadas à reprodução da família.

Esses estereótipos ajudam a explicar a visão que os agentes externos à propriedade estabelecem com a família, mas podem ser relativizados a partir da observação de dinâmicas familiares reais, quando percebemos que homens e mulheres – com diferenças, sim – atuam nos dois espaços, da produção e da reprodução.

“...Depois que eu casei é uma realidade totalmente diferente do que era na casa do meu pai... as mulheres, cuidar da vaca tudo bem, mas fazer o negócio, comprar, tudo isso... agora com meu marido é diferente... quem está faz...”¹⁵

“... Lá em casa, quando dividimos, eu fiquei com as vacas, ele ficou com a outra produção... eu pegava meu di-

nheiro e podia fazer o que eu queria... mas primeira coisa a gente paga a luz... aí o que sobra... prá fazer o que quiser, se quiser fazer um rancho, faz...”¹⁶

Esse depoimento chama a atenção sobre o destino dado à renda monetária originária da venda do leite e de seus derivados. Conforme as informações coletadas na pesquisa de campo, esses recursos são aplicados predominantemente nas compras para a casa, na educação dos filhos, na conta de luz e, em menor parcela, em gastos na produção de leite. Dessa forma, é interessante notar que mesmo quando a produção de leite é uma atividade mercantilizada, sua finalidade permanece sendo o atendimento das necessidades de reprodução do núcleo familiar.

Num período em que essa agricultura familiar vem se defrontando com um processo de empobrecimento e descapitalização, é no fato de o leite se constituir em uma atividade que possibilita ingressos mensais, diferente dos produtos originários das lavouras, que está a explicação para a expansão que essa produção mercantilizada de leite vem tendo. Da safra vêm os recursos a serem investidos na produção, do leite os recursos para a manutenção da família

• • • • •

¹³ Depoimento Z.S., 54 anos, agricultora do município de Medianeira, no Seminário já mencionado.
¹⁴ Depoimento de C..P., 35 anos, agricultora do município de Francisco Beltrão, no Seminário já mencionado.
¹⁵ Depoimento de C..P., 35 anos, agricultora do município de Francisco Beltrão, no Seminário já mencionado.
¹⁶ Depoimento Z.S., 54 anos, agricultora do município de Medianeira, no Seminário já mencionado.

Bibliografia

- BELEM, RÉGIS DA CUNHA. (1995), “Síntese sobre a Situação do Leite no Sul do Brasil”. Curitiba, *DESER*.
- _____. (1996), *Reestruturação e competitividade no setor lácteo gaúcho: o espaço da agricultura familiar*. Dissertação de mestrado (versão preliminar). Rio de Janeiro, cpda/ufrj.
- DESER & CEMTR/PR. (1996), *Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite*.
- FARIA, NALU. (1995), “Gênero como marco conceitual para entender a opressão das mulheres”. São Paulo, *s o f.* – Sempre-viva Organização Feminista, (mimeo).
- MENASCHE, RENATA. (1996), *Agricultura familiar em mudança: percepções e projetos – o caso da região de Santa Rosa, Noroeste do Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado (versão preliminar). Rio de Janeiro, cpda/ufrj.
- PAULILO, MARIA IGNEZ SILVEIRA. (1987), “O peso do trabalho leve”. *Ciência Hoje*, 5/28, pp.64-71.
- ROGEL GOMEZ, GUILLERMO & IORIO, MARIA CECÍLIA. (1991), “Os pequenos produtores, a indústria do leite e o sindicato de trabalhadores rurais – resultados preliminares”. Rio de Janeiro, *cedi*.